

## A CHARGE E OS PRESSUPOSTOS LINGUÍSTICOS: CONSTRUINDO NOVOS SENTIDOS PARA O TEXTO

Marcos Antônio da Silva<sup>1</sup>  
Géssika Cecília Carvalho da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Constitui objetivo nosso, neste texto, discutir sobre a questão da identificação dos pressupostos linguísticos presentes no gênero discursivo charge. Para tanto, serão analisadas, aqui, quatro charges coletadas em janeiro de 2021 em diversos sites na internet especializados na divulgação desse gênero, conforme indicado abaixo de cada texto. A teoria utilizada, por nós, para a elaboração deste artigo foi postulada por Anscombre e Ducrot (1994) no interior dos estudos sobre a argumentação na língua. De outra forma, podemos dizer que a pressuposição é marcada pela existência de algumas marcas linguísticas na própria produção do texto e que, para além disso, a presença dessas marcas permite ao leitor, quando da leitura do texto, a produção de outros sentidos além daqueles presentes apenas na percepção literal da charge. Ao final de nossas análises, podemos informar que a identificação da pressuposição é primordial no processo de leitura e, mais do que isso, ela possibilita observar a argumentatividade desejada pelo produtor do texto, que sempre tem a intenção de, por meio do humor, denunciar uma realidade.

**Palavras-chave:** Charge, Leitura, Pressupostos Linguísticos.

### 1. INTRODUÇÃO

No universo linguístico, já é cristalizada a ideia de que o ato de ler se constitui em uma das práticas sociais mais importantes para a formação dos sujeitos, uma vez que pode lhes possibilitar a construção dos processos de compreensão acerca dos mais diversos universos, a ampliação das competências relacionadas aos conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo, a capacidade de interação com acontecimentos distantes e a compreensão do signo linguístico enquanto um fenômeno de natureza social.

Dessa forma, tendo em vista a complexidade existente no processo de leitura, objetivamos, com este artigo, refletir acerca da identificação de informações pressupostas no gênero discursivo-textual charge, para, assim, possibilitar ao

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: marco\_sil2@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora efetiva do Instituto Federal de Alagoas, Campus Murici. E-mail: gessika.silva@ifal.edu.br.

aluno/leitor, e ao professor, mais recursos para a realização de uma leitura efetiva do texto.

Para a confecção deste texto, baseamo-nos na Teoria da Pressuposição desenvolvida por Ducrot (1987), para quem o pressuposto é apresentado como pertencendo às pessoas envolvidas na comunicação, ou seja, ao “nós”, o que nos faz pensar, inicialmente, o quanto o ouvinte/leitor está envolvido na relação de compartilhamento das informações apresentadas tanto pelo texto, como pelo falante.

Além disso, nosso trabalho será norteado ainda pelos estudos apresentados por Moura (2006), quando expõe uma série de elementos linguísticos tais, como: verbos factivos, sentenças clivadas etc., estruturas essas responsáveis pela ativação de pressupostos.

## 2. SOBRE A NOÇÃO DE PRESSUPOSIÇÃO LINGUÍSTICA

A noção de pressuposto é apresentada por Ducrot (1987, p. 20), como “[...] o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato comunicativo”. O pressuposto, pertence, assim, ao “nós” da relação comunicativa.

Destarte, analisando o enunciado abaixo, teremos:

**Pedro deixou de fumar**

**Posto** (Pedro não fuma mais) e

**Pressuposto** (Pedro fumava antigamente).

Enfatizamos que este pressuposto é ativado pelo verbo *deixou* (deixar), apresentado, consoante classificação de Moura (2006, p. 20), como “[...] verbos que indicam mudança de estado”. Assim, ao “nós” da relação comunicativa pertence a informação de que “Pedro fumava antigamente”.

Ora, mas não necessariamente os dois interlocutores envolvidos no diálogo podem compartilhar desse conhecimento. Assim, ainda conforme Ducrot (1987, p. 77), “[...] pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Dessa forma, a pressuposição ou o ato de pressupor apresenta-se como uma estratégia argumentativa para levar o interlocutor a admitir um determinado ponto de vista.

É preciso ressaltar que para Anscombre e Ducrot (1994), na segunda etapa dos estudos sobre a argumentação, a língua ainda não é vista como naturalmente argumentativa. Qualquer orientação argumentativa seria dada, dessa forma, por meio da diferenciação entre os fatos afirmados (postos) e os pressupostos e sua relação com os encadeamentos, e não por questões argumentativas presentes na semântica da frase.

Realçamos ainda que algumas expressões responsáveis pela ativação dos pressupostos são apresentadas por Moura (2006, p. 17-22), a saber:

1) **Expressões definidas:** expressões que descrevem um ser determinado, específico. “[...] servem para fazer referência, assim como os nomes próprios”.

Exemplo: O rei da França é calvo.

Pressuposto: Existe um rei da França.

2) **Verbos factivos:** os verbos factivos se fazem presentes em orações subordinadas que representam o próprio pressuposto.

Exemplo: Pedro soube que ganhou o prêmio.

Pressuposto: Pedro ganhou o prêmio.

3) **Verbos implicativos:** são verbos que por sua própria natureza implicam em uma ação apresentada pelo verbo apresentado no enunciado.

Exemplo: João esqueceu de fechar a porta.

Pressuposto: João deveria ou desejava fechar a porta.

4) **Verbos que indicam mudança de estado.**

Exemplo: João deixou de fumar Pressuposto: João fumava.

5) **Iterativos:** indicam que a ação apresentada pelo verbo ou expressão já aconteceu em um momento anterior.

Exemplo: O disco voador apareceu de novo.

Pressuposto: O disco voador já tinha aparecido antes.

6) **Expressões temporais:** são expressões que, presentes no enunciado, indicam pressuposto relativos ao tempo (temporalidade).

Exemplo: Maria desmaiou depois de encontrar João.

Pressuposto: Maria encontrou João.

7) **Sentenças clivadas:** são sentenças que têm a forma “Não foi X que Y (Y=oração).

Exemplo: Não foi o João que beijou a Maria.

Pressuposto: Alguém beijou a Maria.

Espíndola (2010, p. 55), à lista apresentada por Moura (2006), acrescenta outros três elementos. São eles:

8) **Prefixo re-:** presentes em alguns verbos como “reavaliar, reafirmar, renovar” etc.

Exemplo: João reafirmou sua inocência.

Pressuposto: João já afirmou sua inocência anteriormente.

9) **Alguns conectores circunstanciais:** conectores do tipo “desde que, antes que” etc.

Exemplo: João passará no vestibular desde que estude.

Pressuposto: João não estuda.

10) **Alguns advérbios:** são advérbios que deixam registrado um pressuposto, como: mais, também dentre outros, em alguns contextos.

Exemplo: Pedro também passou na prova.

Pressuposto: Alguém além de Pedro passou na prova.

Reforçamos, ainda, que as informações explícitas dizem respeito a elementos linguísticos que se fazem presentes na própria estrutura da língua. Nesse caso, as informações pressupostas são ativadas por algum elemento linguístico-discursivo, como os citados anteriormente por Moura (2006) e Espíndola (2010). Já as informações implícitas, ou também chamadas de inferências, dizem respeito aos subentendidos, que estão no nível pragmático da língua. No entanto, é interessante destacar que nem todos os enunciados possuidores de pressupostos linguísticos têm ou precisam ter subentendidos.

### 3. SOBRE O GÊNERO CHARGE: BREVES PALAVRAS

Bakhtin (2002, p. 279), em seus estudos, postulou os gêneros discursivos enquanto “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados”. No entanto, é importante destacar que a charge é um texto multimodal, pois apresenta em sua constituição textos e imagens. Além disso, deve ser visto como um texto temporal, considerando que tem uma função sempre de apresentar uma crítica sobre determinado fato social.

Assim sendo, é sensato dizer que uma charge publicada, por exemplo, no ano de 2010, certamente não será compreendida ou não terá sua função crítica se for lida em 2020. Além disso, as charges são textos que circulam, geralmente, na esfera jornalística e, assim sendo, abordam as questões políticas e sociais de uma determinada região.

Os gêneros textuais, de acordo com posicionamentos de Marcuschi (2008), estão presentes na sociedade como práticas sócio-históricas, compõem-se como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. Conforme ainda esse autor, são textos orais ou escritos solidificados em situações de comunicação decorrentes. E, naturalmente, assim são as charges.

A partir dos estudos postulados por Bakhtin (2002) encontramos o ponto de partida para a discussão desta noção de gênero, pois, conforme o autor:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma

esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2002, p. 279).

Em relação à charge, Silva (2004) afirma que:

O termo charge é francês, vem de *charger*, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (SILVA, 2004, p. 13).

Entendemos, dessa forma, que a citação exposta anteriormente e os preceitos apresentados por Bakhtin (2002) vêm corroborar nossa fala quanto à importância desse gênero e a presença do mesmo na nossa sociedade, diariamente.

#### 4. ANÁLISES

Após a apresentação dos pressupostos teóricos que guiarão nosso estudo, é importante salientar, aqui, que entenderemos a leitura enquanto um processo de interação entre leitor, texto, autor e contextos de produção e de leitura dos textos.

É importante que essa noção fique exposta e clara, pois entendemos que não há mais espaço para pensar a leitura tão somente enquanto processo de decodificação de signos, tendo em vista tanto esforço apresentado ao longo da evolução dos estudos linguísticos e, para além disso, uma noção ou prática de leitura que tenha em mente apenas o primeiro passo, que é o da decodificação, não contribuirá para a formação de seres pensantes/atuantes e críticos dentro de uma sociedade.

Nesse ponto do nosso texto, apresentaremos as charges, no total de quatro, como já foi mencionado no resumo. Em seguida, serão apresentadas as análises e, por fim, como procedimento necessário ao encerramento do nosso artigo, trataremos as considerações finais. Salientamos, ainda, que não estamos focados em questão de quantidade. Assim, este texto tem caráter puramente analítico e descritivo.



**TEXTO 01:**



Disponível em: <https://brainly.com.br>. Acesso em 26/01/2021.

Ao realizar uma leitura atenta do enunciado “Neste bolso nunca entrou dinheiro público”, podemos imediatamente observar a expressão “neste bolso” e, mais precisamente, o a palavra “neste”, que pode ser caracterizada como um pronome demonstrativo ou um elemento dêitico. Considerando, portanto, o contexto de produção da charge e os envolvidos no processo interacional, podemos pressupor que há uma pressuposição “em outro bolso já entrou dinheiro público”.

A confirmação de que essa pressuposição é possível vem em seguida com a presença do enunciado de um dos presentes: “Tá de calça nova, né?”. Ou seja, só seria possível não ter entrado dinheiro público no bolso da roupa do momento em que a fala ocorre se a calça for nova, porque caso a calça seja velha, já usada, seria falsa a afirmação do político de que não tenha feito uso de dinheiro público.

Esses dois enunciados com a presença de “neste bolso” e “calça nova” são de extrema relevância para que esses sentidos mencionados acima sejam suscitados e, assim, a intenção argumentativa do produtor da charge seja desvelada, considerando que, nesse caso, a crítica vem em forma de humor, mas desde que o leitor consiga perceber os usos dessas expressões ativadoras de pressupostos.

Para além disso, vejamos que estamos fazendo a leitura de dois elementos que tradicionalmente seriam classificados como pronome e adjetivo. Assim, logo de início, já percebemos como o uso da língua vai além de um mero conhecimento das categorias gramaticais e de classificações.

**TEXTO 02:**



Disponível em: <http://soumaisenem.com.br/>. Acesso em 26/01/2021.

Quando do processo de leitura do texto acima, mais precisamente da fala presente no primeiro balão, é possível identificar a expressão linguística “de novo”, em Fogaça quer ser prefeito de novo!”.

Nessa fala, podemos identificar que a expressão “de novo” ativa o pressuposto de que “Fogaça já tinha tentado ser prefeito em um momento anterior”. Esse pressuposto pode ser confirmado, e até mesmo percebido ou questionado, pela fala da mulher no segundo balão, quando questiona o primeiro falante se o Fogaça já havia sido prefeito antes.

Dessa forma, talvez simples, podemos dizer que a expressão “de novo” tem um índice de pressuposição que pode ser facilmente entendido/percebido, pelo menos quando uma leitura mais atenta daquilo que está sendo dito/apresentado é realizada, como foi o caso da mulher responsável pela fala do segundo balão.

Ou seja, uma leitura menos atenta não perceberá que a expressão “de novo” ativa algum tipo de pressuposto e, nesse caso, a leitura ficará deficitária, se considerarmos a intenção do chargista ao usar tais expressões.

**TEXTO 03:**



Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br>. Acesso em 26/01/2021.

Na leitura do texto/charge de número 03, podemos identificar, logo na primeira fala, a que se refere à mãe da criança que está deitada, a presença da palavra “hoje”, classificada como advérbio de tempo, em “Hoje eu vou contar a história de Ali Babá e os 40 ladrões”. Na fala seguinte, a do menino, é possível identificar o elemento “mais” como pressuposto de que em outro momento o menino agüentou o papo sobre mensalão.

Além disso, temos aí, também, um caso de inferência pragmática, uma vez que o menino traz à tona uma questão que não foi mencionada anteriormente e que para tal sentido seja construído é necessário que o leitor compreenda o contexto político em que ocorre a fala do menino.

Ainda sobre a fala da mulher, percebemos que a palavra “hoje”, aliada à continuidade do texto, ativa o pressuposto de que em outros momentos a mãe já havia contado outras histórias para o filho e que, somente ou exclusivamente “hoje”, a história seria outra.

Com essa identificação possível, torna-se preciso perceber que as palavras na nossa língua podem ser vistas apenas com uma única função, a de um advérbio, mas que no uso que fazemos diariamente das palavras e expressões, tais vocábulos podem ser facilmente utilizados com uma outra carga semântica e, nesse caso, o que vai depender desse uso é a intenção do usuário da língua para com os seus interlocutores.



**TEXTO 04:**



Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br>. Acesso em 26/01/2021.

Na leitura do texto 04, temos a presença da palavra “também”, que é classificado comumente como advérbio, com a função de comparar ou incluir coisas. Nesse caso específico, o “também” é usado de forma polissêmica, pois permite relacionar e incluir coisas desconhecidas.

Quando o primeiro falante pergunta “Essa máscara também não te atrapalha na hora de comer?”, o “também” compara e inclui a dificuldade de usar a máscara no momento de se alimentar com outras coisas/situações que não estão precisamente presentes no texto. E, mais do que isso, essas situações estão presentes no texto a partir da leitura do segundo balão, que é “Só quando eu tenho o que comer!”. Ou seja, o pressuposto presente na primeira fala é o de que outras coisas, além da máscara, atrapalham no momento da alimentação e dentre essas coisas, o fato de não ter o que comer atrapalha mais do que o próprio uso da máscara.

Observamos, até mesmo pelo próprio título dado à charge, “diferenças na pandemia”, que o uso da máscara, de acordo com o chargista, causa transtornos diferentes para quem tem o que comer e para quem não tem.

Assim, fica claro que o objetivo do chargista é demonstrar como a pandemia instaurada no mundo deixou ainda mais visível as diferenças entre as classes sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar ao longo das análises das nossas quatro charges, a função gramatical de certas palavras, às vezes, delimitam demasiadamente o uso e a percepção que nós leitores temos e fazemos dos textos.

Assim, o nosso objetivo aqui foi mostrar que sempre que usamos a língua o fazemos de forma argumentativa, com alguma intencionalidade, e essa intencionalidade pode ser caracterizada e/ou percebida pelo uso de algumas estratégias argumentativas, como é o caso da pressuposição linguística.

Dessa forma, percebemos o quão importante é a identificação dos elementos ativadores de pressupostos no processo de leitura para que, de forma mais orgânica, os sentidos dos textos sejam construídos pelos leitores e, dessa forma, a leitura seja, de fato, realizada e tida como um processo de interação entre o texto, o leitor, o autor e os contextos de leitura e de produção dos textos.

Ou seja, a questão da pressuposição contribui sobremaneira para uma percepção da leitura para além de tão somente um processo de decodificação, ainda que este seja o primeiro passo e também importante, mas que a leitura não deve ficar restrita apenas à decodificação das palavras.

## REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ESPÍNDOLA, L. C. Implícitos linguísticos e pragmáticos: pressupostos e subentendidos. IN: ALDRIGUE, Ana C. de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (Orgs). **LINGUAGENS: USOS E REFLEXÕES** vol. 6. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOURA, H. M. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Editora Insular, 2006.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZIBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, p. 18-29, 2001.



SILVA, Carla Letuza Moreira. **O trabalho com charges na sala de aula.** Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.